Atacar o Espaço Insurgente:

A Negação de Refúgios e a Interdição nas Fronteiras

Coronel (R/1) Joseph D. Celeski, Exército dos EUA

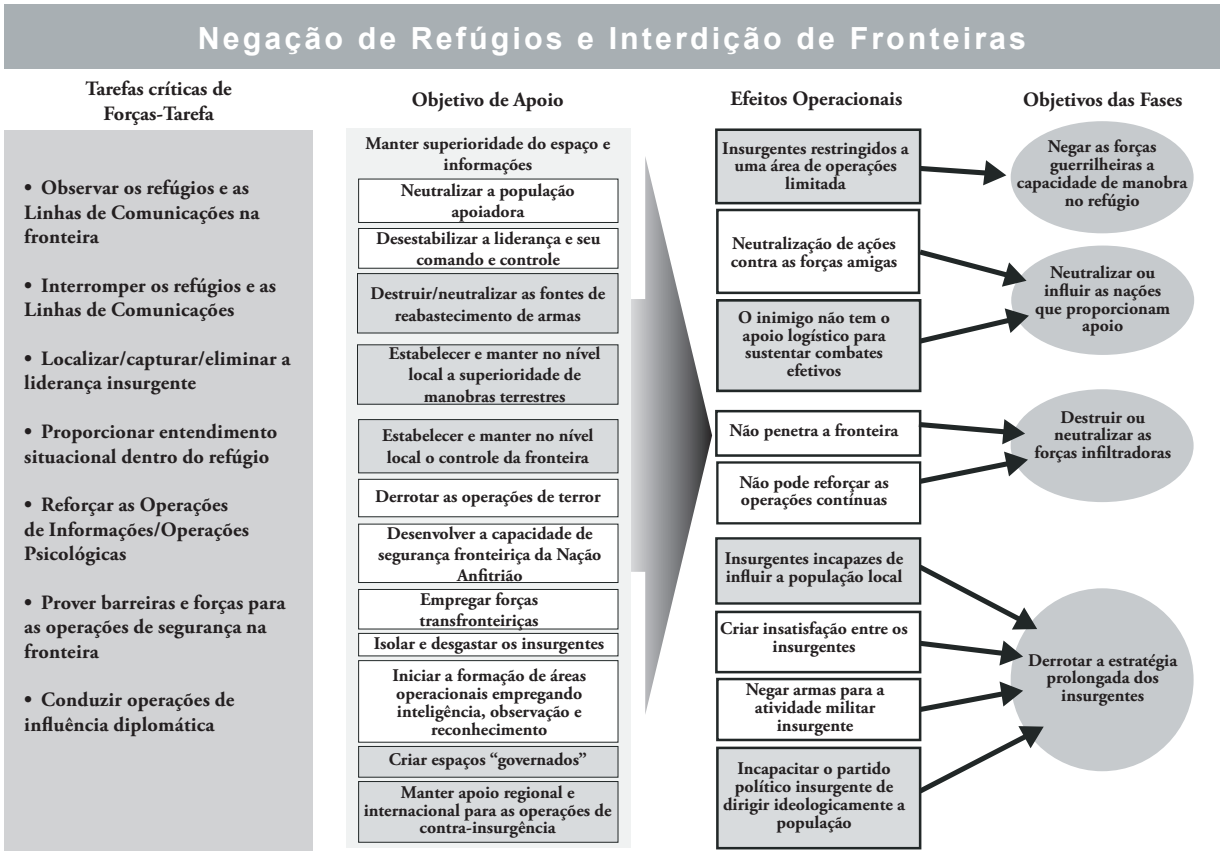
"A campanha militar dos EUA tem prejudicado a facilidade com que Al Qaeda pode operar no Afeganistão e provavelmente forçarão essa organização terrorista a se adaptar e desenvolver de várias outras formas. Primeiro, por causa da ação militar dos EUA, o Afeganistão já deixou de ser um refúgio de impunidade para a liderança superior da Al Qaeda. A organização tem se escondido no terreno, fugindo do assalto de tropas e armas superiores. Agora procura espaços físicos e políticos alternativos para reagrupar e reconstituir a infra-estrutura que perdeu no Afeganistão, que incluiu os campos de treinamento bem como seu comando, controle e comunicações".

— Michael Sheehan[1]

O Coronel Joseph D. Celeski é autor contribuinte e recipiente de uma bolsa de estudos superior de pesquisa na Universidade de Operações Especiais Combinadas, Hurlburt Field, Flórida. Possui o título de Bacharel pela Columbus College, *o de Mestre pela* Shippensburg University *e pela Escola de Guerra do Exército dos EUA. Possui ainda o Curso de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA, o Curso de Comando e Estado-Maior da Força Aérea dos EUA e a Escola de Estado-Maior Combinada. Já desempenhou várias funções no território continental dos EUA, África e Oriente Médio, incluindo o comando das Forças de Operações Especiais Combinadas e da Coalizão durante a Operação* Enduring Freedom *no Afeganistão.*

AO NEGAR ESPAÇO aos insurgentes para que realizem operações, ataca-se uma das três opções da guerra irregular que os atores mais fracos empregam para enfrentar os mais fortes. As outras duas são o tempo e a vontade. As fronteiras porosas e locais de refúgio, que permitem espaço para as operações, podem prolongar uma insurgência caso o contra-insurgente os ignore ou não os trate adequadamente. No Afeganistão, embora as operações de segurança sejam eficazes para facilitar o progresso dos processos sociais e políticos, o principal problema operacional ainda é a capacidade do inimigo de operar em "áreas sem governo" em todas as zonas tribais sob a Administração Federal Paquistanesa e partes do Baluquistão, de onde atravessam a fronteira para o Afeganistão quando querem.[2] No Iraque, o assunto não é tanto o refúgio proporcionado pela Síria e Irã, fornecendo aos insurgentes lugares seguros para acampamentos, reconstituição das forças, recrutamento ou adestramento, mas as fronteiras porosas que propiciam aos insurgentes linhas de comunicação, fuga temporária e trânsito transnacional.

Este artigo oferece orientação sobre como atacar os insurgentes em seus refúgios. Também sugere medidas para a condução eficaz de uma interdição fronteiriça. Para este estudo, o refúgio para os insurgentes é definido como uma área contígua em uma nação-estado usada por eles para operar suas bases e apoios, ao invés de usar como refúgios



áreas urbanas, terreno irregular e populações compreensivas. Quando os insurgentes desfrutam de refúgios, podem se tornar um persistente estorvo para os contra-insurgentes ou um problema no nível operacional.

Os Benefícios de Refúgio

O conhecimento convencional diz que para vencer, os insurgentes devem conseguir tanto o apoio interno como o externo para sua causa. Embora a população nativa possa proporcionar certo nível de apoio, tais como avisos, dados de inteligência, necessidades logísticas imediatas ou refúgios temporários, os insurgentes enfrentam um desafio verdadeiro quando isolados das amenidades normais e do acesso a lugares seguros em que possam descansar, reorganizar e planejar. O refúgio proporciona aos insurgentes tudo isso e muito mais. Efetivamente, permite-lhes neutralizar a tecnologia, as armas e o adestramento superior das forças contra-insurgentes.[3] Ao mesmo tempo, dentro do refúgio, os insurgentes podem contar com o apoio físico e moral do governo da nação anfitriã e da população local, enquanto seus líderes executam uma campanha ativa e desimpedida de operações de inteligência e de relações públicas para legitimar sua causa e aumentar o seu apoio. Atividades ilícitas ou criminosas, dentro ou próximo ao refúgio, também podem ser aproveitadas pelos insurgentes; Eles podem receber apoio financeiro e equipamentos de criminosos em troca de proteção ou emprego de suas rotas de contrabando como linhas de comunicações.

Historicamente, os insurgentes que têm obtido apoio, refúgio e que têm operado em terreno irregular favorável às suas operações têm sido difíceis de derrotar. De modo inverso, os insurgentes que não contam com refúgios tendem a fracassar, pelo menos na linha de operações de segurança.

Vulnerabilidades dos Refúgios

Se as vantagens de um refúgio e o acesso ao trânsito da fronteira são essenciais para uma insurgência, eles se constituem num centro de gravidade para ser atacado. Os insurgentes nos

refúgios são inerentemente vulneráveis porque o governo que eles estabelecem naquele local automaticamente ameaçará a soberania do país anfitrião. Outras vulnerabilidades incluem o apoio que precisam da população local, suas fontes de abastecimento e os sistemas de defesa de sua base. Os insurgentes devem se esforçar para manter o equilíbrio na proteção de todas essas vulnerabilidades, mas o seu desafio à autoridade do governo anfitrião pode ser seu maior problema.

Nesse sentido, os insurgentes nos proporcionam oportunidades para atacá-los quando estabelecem refúgios e bases de acampamento. A maior parte das atividades insurgentes é travada no "campo humano", proporcionando poucas chances quando o contra-insurgente pode, na realidade, encontrar e combater o inimigo. Porém, quando o inimigo ocupa refúgios, o engajamento se torna possível. Uma vez localizado e definido a área de refúgio, podemos concentrar nossos meios de inteligência, observação e reconhecimento e, conseqüentemente, pelo menos em uma circunstância, nosso poder de combate. Seriamos negligentes se não atacássemos os insurgentes quando se agrupam e se tornam visíveis. Atacá-los no seu refúgio no país anfitrião exigirá uma sincronização das capacidades militares com as de outras agências do governo no nível operacional e superior, para assegurar que as ações desencadeadas não resultem em derrotas da opinião pública internacional.

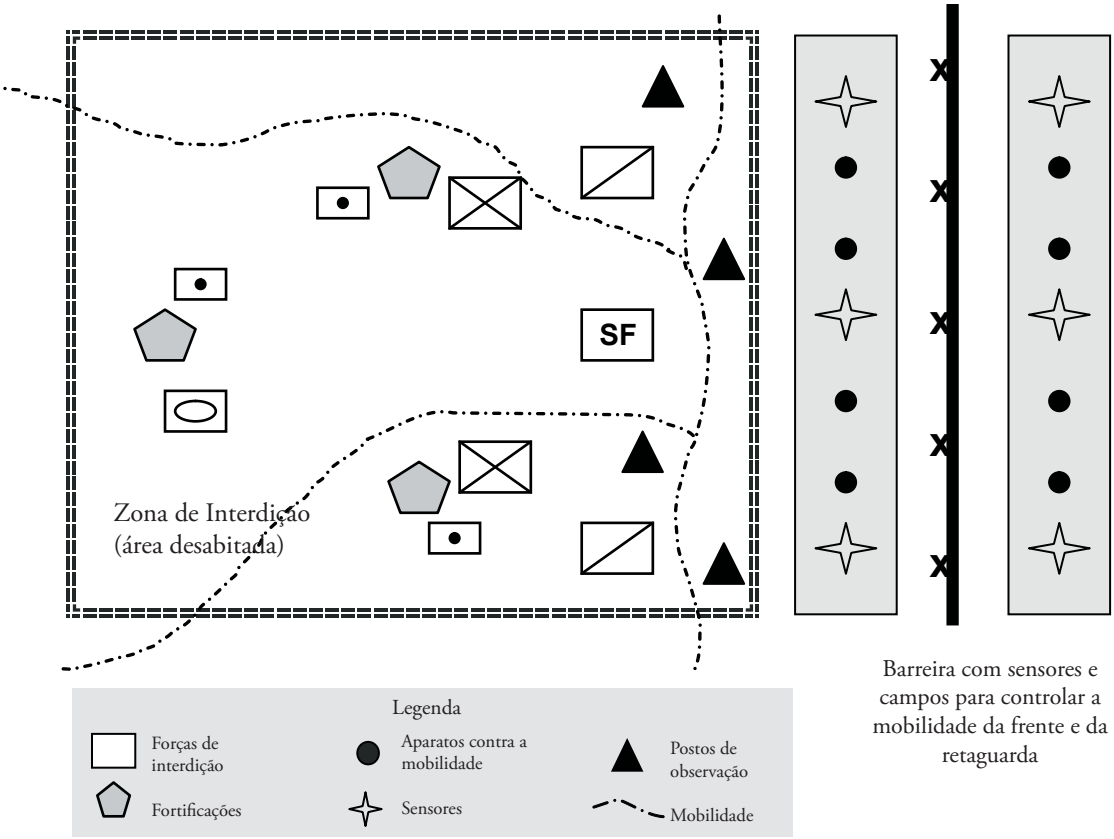
Além disso, os insurgentes podem ser atacados fisicamente quando tentam entrar ou sair de seus refúgios. Geralmente não possuem transporte aéreo próprio, portanto caminham, usam animais ou uma variedade de meios motorizados para irem do refúgio até a fronteira. Eventualmente, eles atravessam a fronteira. Com inteligência astuta, devemos ser capazes de localizar exatamente onde estão essas linhas de trânsito e os pontos de cruzamento. Isso pode ser realizado ao se usar uma combinação da inteligência humana com a inteligência eletrônica.

A terceira oportunidade que o refúgio insurgente proporciona se encontra no lado amigo da fronteira. As necessidades dos insurgentes em trânsito são as mesmas dos nossos próprios soldados — alimentos, descanso, apoio médico, abastecimentos, segurança física, acesso aos meios logísticos como transporte, comunicações e armas — enquanto se deslocam dos refúgios para suas áreas operacionais. Os grupos ou locais que lhes proporcionam esses tipos de apoio precisam comunicar-se entre si e quando o fazem, apresentam uma vulnerabilidade adicional para se explorar. Conduzir uma boa operação de inteligência do campo de batalha, particularmente nas áreas amigas da fronteira pode render informações sobre as rotas de trânsito, o fluxo de atividades ilegais, as populações apoiadoras, as áreas de descanso e as possíveis instalações médicas que depois podem ser escolhidas como alvos ou pontos de observação. Adicionalmente, ao usar tais informações, os analistas podem estimar a distância que os insurgentes podem viajar em um ou dois dias, por meio de uma forma variada de transportes. Assim, a possibilidade de interdição dos insurgentes pode aumentar.

As Ações Ofensivas

Se os insurgentes possuem refúgios, os contra-insurgentes devem combinar uma série de técnicas para vencê-los. Eles devem usar a diplomacia para pressionar os governos que abrigam os insurgentes, conduzir manobras combinadas com as forças de segurança da nação anfitriã no outro lado da fronteira, colocar barreiras físicas ou virtuais, proporcionar apoio e integração às ações da alfândega e do policiamento da fronteira e executar incursões aos refúgios dos insurgentes. Todas estas medidas devem ser realizadas dentro de um planejamento voltado para o efeito das ações desejadas.

Continuando a procurar medidas de eficácia no nível tático das operações de contra-insurgência é relativamente fácil por que os contra-insurgentes rapidamente podem identificar o que funciona ou não e, com isso, conseguem medir seu progresso. Mas quando tentamos alcançar os efeitos no nível operacional, as medidas de eficácia se tornam nebulosas, devido primariamente a muitos fatores intangíveis como, por exemplo, a natureza prolongada de uma insurgência ou a dimensão do terreno humano. Mesmo assim, a



Desenho da barreira física para a interdição fronteiriça

negação de refúgios e a interdição nas fronteiras são dois exemplos de manobra operacional que o contra-insurgente pode empregar para alcançar resultados que podem ser medidos. Os meios para resolver problemas no nível operacional devem ser baseados nos resultados desejados; ou seja, o inimigo deve fazer o que você deseja e ao mesmo tempo você deve atacá-lo para impedi-lo de realizar suas metas. Podemos impedir os insurgentes de prolongar a natureza da insurgência se eles decidem que custa mais para operar de um refúgio do que o benefício a ser obtido.[4]

Preparar o campo de batalha. Alcançar o resultado desejado — negação, interrupção, interdição, influência — começa com uma análise detalhada da natureza física da área de refúgio e da fronteira. Nesta área, a tecnologia é útil, particularmente as ferramentas de imagem tridimensional que analisam o terreno em combinação com os satélites para delinear folhagem, hidrografia, *habitat*, costumes de locomoção e o clima. Tais análises podem identificar as prováveis áreas de habitação e as linhas de comunicação potenciais no terreno. Num nível acima, deve-se focar as áreas da criminalidade e do comércio. No final, uma análise demográfica e cultural pode ser ampliada para completar a imagem da área e determinar onde os insurgentes podem esconder-se e operar.

O próximo passo é empregar vários métodos de inteligência, observação e reconhecimento para confirmar a análise. O reconhecimento físico e a colocação de meios de observação humanos ou tecnológicos nas áreas de operações suspeitas são particularmente eficazes para avaliar a atuação atual dos insurgentes nas áreas de interesse identificadas. Os esforços para verificar a coleta e análise de dados podem incluir operações de reconhecimento no refúgio do inimigo na região de fronteira. Neste ponto, deve-se salientar que os insurgentes sempre estarão mais familiarizados com seu refúgio e linhas de comunicação, por isso

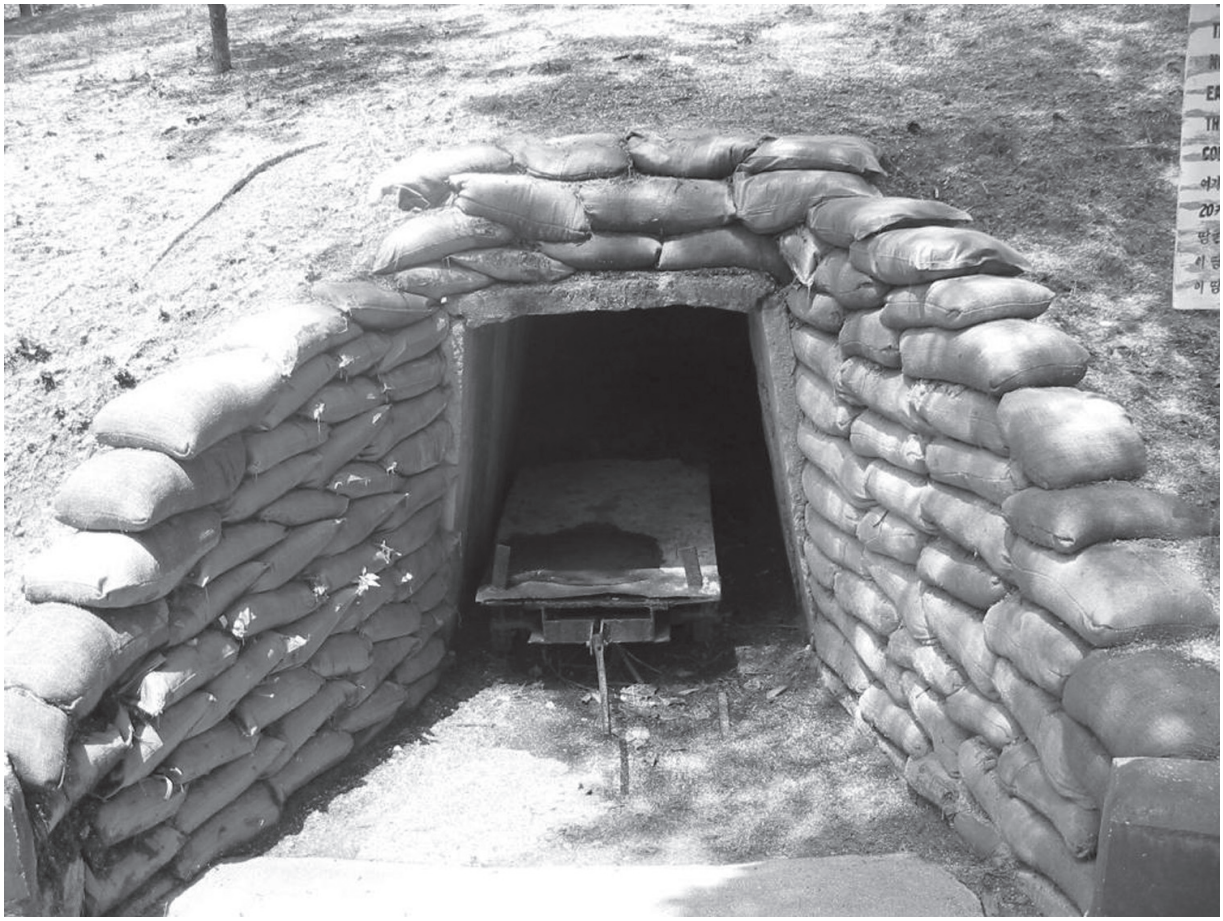


Foto: John Frank

Um dos túneis encontrados ao longo da área desmilitarizada construído pelos norte-coreanos para infiltrar espiões e sabotadores a Coréia do Sul.

os contra-insurgentes devem ser pacientes para adquirir um nível de conhecimento mensurável a suas ações.

Depois de conduzir uma análise completa e identificar as ferramentas disponíveis, o terceiro passo do estrategista de operações de contra-insurgência é planejar uma pequena operação. Há uma variedade de ações para negar, interromper, interditar ou influenciar o inimigo, mas uma combinação de opções proporcionará a sinergia necessária para se conseguir o resultado desejado.

Ataque pelo anfitrião. A melhor estratégia para atacar os refúgios e fronteiras porosas é conseguir que a nação anfitriã, que já pode estar proporcionando apoio tático, conduza operações para eliminar o apoio aos insurgentes nas áreas de refúgio. A diplomacia será provavelmente o meio para persuadir uma nação hospedeira a cooperar. A seguir, as forças de segurança daquela nação executam operações dentro do refúgio, enquanto empregam medidas de controle na linha de fronteira. Nos dois casos, as operações com as forças locais são muito mais adequadas do que aquelas executadas por forças estrangeiras de segurança contratadas ou qualquer outra similar.

Também são necessárias medidas do governo da nação anfitriã para transformar as áreas que servem de possíveis refúgios nas áreas governadas. Ao mesmo tempo, o governo da nação anfitriã deve descontinuar o apoio ativo ou passivo da população aos insurgentes, engajando-se com a rede de líderes políticos, religiosos, tribais ou étnicos locais. A nação anfitriã também deve reduzir ou proporcionar alternativas para os empreendimentos ilícitos dentro do refúgio e das áreas fronteiriças. Uma limpeza nessas regiões abrirá caminho para a introdução de organizações não-governamentais (ONGs) na área, que podem ser fatores significantes para ajudar a reduzir as condições negativas locais que servem como refúgios aos insurgentes.

Na sua tentativa de policiar as áreas de refúgio e de fronteira, o governo anfitrião até pode recorrer à sua própria forma de guerra não-convencional. Seja qual for o meio adotado, os contra-insurgentes auxiliam o esforço ao conduzir operações complementares no outro lado da fronteira; por exemplo, barrando ou capturando os insurgentes que estão tentando fugir do refúgio bloqueado.

Atacar o refúgio. A segunda medida para negar refúgio aos insurgentes exige a realização de operações físicas na área com forças militares, paramilitares ou descaracterizadas, por intermédio do desdobramento de equipes de eliminação adaptadas ao ambiente. Essas operações, tipicamente de longo alcance e duração, dependem imensamente da inteligência e de serem dissimuladas. Portanto, pode-se obter melhores resultados ao empregarmos forças locais, familiarizadas com o terreno e com a área. Regras de engajamento ou normas gerais de ação precisam ser criadas para estas incursões visando assegurar mecanismos e o desencadeamento de uma "perseguição intensa".

Os franceses foram extremamente bem-sucedidos durante a Guerra de Independência da Argélia (1954-1962), empregando operações cinéticas diretas contra os refúgios insurgentes do Exército de Libertação Nacional (*Armée de Liberation Nationale — ALN*) na Tunísia e Marrocos. Eles empregavam equipes especiais de rastreamento para prender as unidades do *ALN* nas áreas de refúgio e, especificamente, escolhiam como alvos a liderança inimiga nessas áreas com a intenção de eliminar a cabeça do movimento insurgente. Ao combinar estas operações com ardis, tais como o estabelecimento de organizações de guerrilhas falsas para confundir os guerrilheiros verdadeiros, de espalhar a desavença entre eles e ao utilizar habilmente os traidores para seduzir insurgentes, eles conseguiam destruir o inimigo no local onde ele morava.

Durante a Guerra do Vietnã, o Comando de Assistência Militar — Grupo de Estudos e Observação do Vietnã — obteve sucessos semelhantes. Pequenas forças de incursões nativas, eficazmente lideradas por comandantes de operações especiais, executavam uma variedade de missões no Laos e Camboja para identificar, interromper e destruir a infra-estrutura inimiga. Estas equipes também montavam sensores e agiam como observadores avançados para a interdição aérea, ampliando sua capacidade de emprego.

Atacar a fronteira. A terceira opção para derrotar um inimigo que utiliza um refúgio é interditar a fronteira colocando um sistema de barreiras. Com esse tipo de operação pode-se obter o melhor resultado das três opções. Quando combinada com a tecnologia de sensores e medidas de contra-mobilidade, as barreiras têm sido sempre eficazes contra os insurgentes. As barreiras devem ser reforçadas com pequenos fortes, guarnecidos por forças de reação que interceptam os insurgentes que conseguem cruzar a linha da fronteira. As fortificações não precisam ser contínuas; podem ser reforçadas por patrulhas aéreas e terrestres diuturnas.

Podemos impedir os insurgentes de prolongar a natureza da insurgência se eles decidem que custa mais para operar de um refúgio do que o benefício a ser obtido.

A máxima de que o contra-insurgente tem que ser tão ou até mesmo mais móvel que o insurgente é certamente aplicável nessa operação. A mobilidade terrestre das forças de reação pode ser aumentada ao se construir estradas ou trilhas por toda a área de interdição e negação. A mobilidade aérea também pode apoiar eficazmente as forças de reação, não somente com helicópteros, mas também com aeronaves de curta decolagem e aterrissagem e aviões com motores de pistões capazes de voar com velocidades lentas adequadas à observação.

Uma outra opção para a área de fortificações e barreiras é empregar os VANTs, que estão cada vez mais baratos e mais eficazes. Os VANTs podem monitorar áreas abertas e detectar as brechas de atuação dos insurgentes onde as forças de contra-insurgentes estão escassas. No

entanto, existe uma advertência sobre os meios aéreos: embora a interdição aérea das áreas de refúgio e de fronteiras possa contribuir para se alcançar os efeitos desejados, ela por si só não provou ser altamente eficaz. Por isso, a melhor prática do contra-insurgente é sincronizar as operações aéreas com outros meios.

Ao estabelecer e executar uma campanha de interdição fronteiriça, o contra-insurgente pode aumentar suas chances de sucesso ao determinar medidas de controle da população. Tais artifícios, como remover a população ao longo da faixa de fronteira talvez sejam radicais, mas podem expor os insurgentes, pois sem a população entre a qual podem imiscuírem-se eles procurarão fugir, permitindo que as forças de contra-insurgência empreguem o poder de combate sem medo de atingir os não-combatentes.

Os franceses na Argélia. Dois dos melhores sistemas de barreiras que já foram empregados para interditar insurgentes foram utilizados pelos franceses na Argélia. Uma vez reconhecido que a *ALN* tinha estabelecido refúgios completos com casernas, áreas de adestramento e instalações médicas na Tunísia e Marrocos, o Exército Francês colocou barreiras, estabeleceu zonas de interdição, desabitou as zonas e desdobrou forças para fechar e interditar a fronteira aos infiltradores.

O caminho para o sucesso de uma campanha contra-refúgio encontra-se na condução de uma bem-planejada ofensiva baseada na busca dos efeitos desejados.

Os franceses construíram a Linha *Morice* ao longo da fronteira com a Tunísia e, uma menor, a Linha *Pedron* ao longo da fronteira com o Marrocos. Estas barragens consistiam de centenas de quilômetros de cercas de arame cobertas com luzes e campos de minas; mais de 40.000 soldados estavam posicionados em postos fixos perto da barreira. Guarnecidas em pequenos fortes e acampamentos, essas tropas estavam reforçadas com patrulhas e forças de reação móveis. Unidades navais técnicas de radar também foram empregadas para detectarem insurgentes e proporcionar dados contra fogos de morteiros. Em fim, os esforços de interdição franceses ao longo das fronteiras e do litoral eficazmente eliminaram qualquer infiltração pelos insurgentes e resultaram no isolamento de mais de 30.000 combatentes do *ALN*.

Vietnã e a Linha *McNamara*. Talvez os críticos apontem para a ineficiência da Linha McNamara, construída pelo ex-Secretário de Defesa Robert S. McNamara durante a Guerra do Vietnã para conter a infiltração norte-vietnamita para o Sul, como evidência de que as barreiras ou os sistemas de barreiras são impraticáveis. No entanto, essa crítica está errada. Como as Linhas *Morice* e *Pedron*, a Linha *McNamara* era caracterizada por medidas físicas como barreiras, postos avançados e bases de reforços, mas também tinha previsão de possuir sensores como parte do sistema de barreiras. Porém, devido a problemas de produção, a aplicação dos sensores no sistema nunca foi implementada, permitindo a existência de furos na capacidade de detecção da linha. No final das contas, a mesma tecnologia foi empregada ao redor da base dos Fuzileiros Navais em Khe Sanh, onde provou ser extremamente eficaz.[5]

Policiamento regular da fronteira. Um bom controle na fronteira pelo governo amigo fortalecerá os esforços da contra-insurgência para criar um plano de interdição fronteiriço eficaz. Uma das linhas de operações lógicas do contra-insurgente é "a legitimidade ou o estabelecimento das instituições governamentais." De acordo com essa linha, grande importância deve ser dada ao financiamento e à facilitação dos mecanismos de segurança das fronteiras (como as patrulhas fronteiriças), associadas às atividades alfandegárias que todas as nações empregam como demonstração de sua soberania. Em qualquer país, as autoridades da nação devem estabelecer os meios para restringir o fluxo do tráfego humano e de mercadorias nos pontos-chave ao longo da fronteira. Ao se fazer isso, aumenta-se a possibilidade de dificultar ações ilícitas ou criminosas e de locomoção dos insurgentes. A tecnologia empregada nos

pontos-chave pode ajudar na identificação, da mesma forma pode influir nas mudanças da destinação de recursos para o controle do trânsito em outras áreas mais afastadas da fronteira do país amigo. Ao controlar o espaço desocupado nas áreas de passagem, os guardas e patrulhas fronteiriças móveis podem deter os esforços insurgentes, fazendo que evitem qualquer ponto de segurança.

Túneis. Embora todas as medidas descritas acima sejam operações no terreno, deve-se prestar atenção à detecção de penetração subterrânea por meio de túneis como já vimos na fronteira Sul dos EUA e na Zona Desmilitarizada entre as duas Coréias. Enfim, uma operação de interdição por meio de um sistema de barreiras deve ser complementada com uma robusta força de reação estacionada dentro do raio de ação dos pontos de segurança e ao longo das rotas de trânsito suspeitas para o desencadeamento de ataques rápidos. Com a mobilidade ampliada, essas forças podem responder rapidamente às necessidades das forças de segurança de fronteira do governo.

Operações fronteiriças recentes. Um exemplo de operações fronteiriças bem-sucedidas, ocorreu no Iraque em setembro de 2005, quando o Primeiro Ministro Iraquiano, Ibrahim al-Jaafari, fechou a fronteira com a Síria para prevenir a infiltração dos combatentes estrangeiros no seu país. As medidas tomadas pelo Ministério do Interior de al-Jaafari incluíram o fechamento do tráfico de veículos e de pedestres (apenas as linhas de comércio pelas ferrovias permaneceram em funcionamento), a imposição de um horário de recolher nas vilas próximas ao posto de segurança na fronteira e a execução de operações de encordoamento e busca e conjuntas no lado amigo da fronteira para capturar os infiltradores. Como era esperado, a Síria não auxiliou nesses esforços. Se tivesse, teria contribuído imensamente para melhorar o êxito da operação.[6]

Os Pensamentos Conclusivos

Permitir aos insurgentes o uso ilimitado de refúgios com livre acesso nas áreas de fronteira é o mesmo que os capacitar a sustentar e prolongar sua rebelião. Se os refúgios são permitidos intencionalmente ou inconscientemente pela nação anfitriã, isso não deve deter o contra-insurgente de atacar por meio de ações rápidas ou por outros instrumentos das operações de segurança. Os contra-insurgentes não têm que destruir o refúgio; eles podem ter sucesso também ao interromper ou negar o refúgio e o trânsito livre nas fronteiras. Quando eles realizam o segundo, podem conquistar a iniciativa do insurgente e ditar o ritmo de combate.

O caminho para o sucesso de uma campanha contra-refúgio encontra-se na condução de uma bem-planejada ofensiva baseada na busca dos efeitos desejados. Tal campanha tem de ser executada com forças aptas para a realização de ataques simultâneos em combinação com outras formas de operações. Esta abordagem de múltiplas vias de ataque eliminará as vantagens que o inimigo adquire ao se esconder atrás da fronteira de um outro país; pode tornar o refúgio e a área fronteiriça de um local de descanso temporário para os insurgentes em um cemitério. Finalmente, a mensagem é clara; para acabar com a insurgência, acabe com os refúgios.***MR***

Referências

1. SHEEHAN, Michael A. "Diplomacy," em *Attacking Terrorism: Elements of a Grand Strategy*, editors Audrey K. Cronin e James M. Ludes (Georgetown University Press, Washington, D.C., 2004), p. 99.

2. A fraqueza que o governo do Paquistão tem demonstrado na concessão de autonomia às tribos na fronteira com o Afeganistão inadvertidamente criou uma área sem leis, um "espaço sem governo" pronto para proporcionar refúgios aos insurgentes. Além do mais, com uma insurgência da época pré-Talibã ainda existente no Baluquistão, essa área parece ser a nova base da Al-Qaeda e do Talibã de onde executam ataques no Sul do Afeganistão (veja Tarique Niazi, "Baluchistan in the Shadow of Al-Qaeda," *Terrorism Monitor IV*, número 4 (23 de fevereiro de 2006): pp. 3-5.

3. Para uma fidedigna discussão contemporânea sobre os refúgios, suas vantagens, os problemas que propõem aos contra-insurgentes e questões associadas, veja O'NEILL, Bard E., *Insurgency & Terrorism: Inside Modern Revolutionary Warfare*, Capítulo 4 ("The Environment"), (Dulles, Virginia: Brassey's Inc., 1990); TABER, Robert, *War of the Flea: The Classic Study of Guerrilla Warfare* (Dulles, Virginia: Brassey's, Inc., 2002); e JOES, Anthony James, *Resisting Rebellion: The History and Politics of Counterinsurgency*, Capítulo 17 ("Elements of a Counterinsurgent Strategy"), (Lexington, Kentucky: The University Press of Kentucky, 2004).

4. SCHNEIDER, Barry R. e GRINTER, Lawrence E., editores, *Battlefield of the Future: 21st Century Warfare Issues* (Maxwell Air Force Base, Alabama: Air University Press, 1998). Leituras principais sobre a guerra baseada nos efeitos e ataques paralelos podem ser lidas em Capítulo 4 do sobre "Air Theory for the Twenty-First Century" do Coronel John A. Warden III, e em Capítulo 5 do ensaio do Coronel Richard Szafranski "Parallel War and Hyperwar: Is Every Want a Weakness?"

5. BRUSH, Peter, "The Story Behind the McNamara Line," *Vietnam Magazine* (fevereiro de 1996), pp. 18-24.

6. SILBERBERG, Jacob, "Iraq seals Syrian border; Tall Afar sweep resumes," *Denver Post*, 11 de setembro de 2005, p. 2A.